



ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

9º ENEPE UFGD • 6º EPEX UEMS

## TÓPICOS DE HISTÓRIA REGIONAL PARA ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ERVA-MATE E GUERRA DO PARAGUAI

SOUZA, Roney Salina de

Supervisor de Iniciação à Docência PIBID-UFGD- subprojeto História, Dourados, MS,  
[roneysalina@hotmail.com](mailto:roneysalina@hotmail.com).

**RESUMO:** Este relato trata-se de minha experiência ao longo de dez anos com ensino de história regional na Escola Antonia da Silveira Capilé, de 2005 a 2015. Não pretendo abordar aqui todos os temas, e mas especialmente a questão da erva-mate e a Guerra do Paraguai, pois são deveras importantes para os alunos da Educação Básica, o primeiro faz parte do cotidiano dos usos e costumes dos educandos com o *tereré* ou *chimarrão*, o segundo desperta interesse na configuração da fronteira do Brasil com o Paraguai. Faço um panorama histórico de cada um destes temas e relaciono-os entre si, e, ao final menciono a metodologia que pude fazer em sala de aula para o ensino dos mesmos, as dificuldades de distribuição de material para as escolas e o aprendizado dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** metodologias, história, sul-mato-grossense.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de dois temas da historiografia de Mato Grosso do Sul associados ao currículo de história regional no mencionado estado: Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e economia ervateira. Faço um histórico cronológico destes temas relacionando-os com uma historiografia básica existente, muito embora aqui não haja espaço suficiente para tratar mais profundamente destes temas, bem como outros não relacionados no currículo.

Como sou professor na rede a mais de dez anos, entre 2005 a 2015, este artigo é um relato de minhas experiências, dos caminhos que utilizei ao longo deste período, para tratar destes temas importantes, não apenas porque fazem parte da lista técnica de conteúdos, mas pela proximidade histórica que o aluno possui com a região, bem como pelo desafio de se ensinar história regional com pouco ou nenhum material didático.

Para o professor que trabalha com Ensino de História de Mato Grosso do Sul na Rede Estadual de Ensino, como dito, não há material didático para o Ensino Médio, com exceção feita ao Ensino Fundamental. Assim minha primeira metodologia, a partir de 2005 foi escrever uma apostila com os temas mais recorrentes no ensino de história regional e disponibilizá-la para os alunos tirarem cópias. Atualmente com várias redes sociais, encaminho a apostila virtualmente, muitos acabam usando-a no telefone celular e/ou imprimindo-a. A partir deste do base da apostila, aprimorei as duas partes (erva-mate e Guerra do Paraguai) na forma deste artigo como relato de experiência.

Historicamente em 1856 houve um acordo entre o Brasil e o Paraguai para a livre navegação no rio Paraguai, bem como navios de outros países. Em 1861 foi instalada a Alfândega de Corumbá, 1862 o local foi elevado à categoria de vila. As atividades comerciais abriram-se. Todavia este comércio sofreu uma retração com a Guerra da Tríplice Aliança, pois a navegação foi bloqueada, voltando na década de 1870.



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

9º ENEPE UFGD • 6º EPEX UEMS

Esta guerra refletiu uma carência de resolução de limites e fronteiras entre as coroas ibéricas, desde o período colônia, que ficou para ser resolvida pelos nascentes Estados Nacionais do século XIX.

No processo das independências latino-americanas o Brasil tornou-se uma monarquia unificada, a América Espanhola fragmentou-se em várias repúblicas. Ao sul, o antigo vice-reino do Rio da Prata dividiu-se em Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

A Argentina possuía uma elite de unitaristas bonaerenses, comerciantes de exportação e importação, que tinham um projeto unificador com “um Estado que se abrange o território do antigo vice-reino do Rio da Prata, incorporando o Paraguai” (DORATIOTO, 2002, p. 471).

O Brasil possuía interesse na navegação do rio Paraguai, comércio de importação e exportação, entradas e viagens. Era também importante que esta navegação não ficasse nas mãos de um único país. Assim que o Paraguai se tornou independente, 1811, o Brasil foi o primeiro a reconhecer sua autonomia republicana, dado o interesse brasileiro em um caminho fluvial para o Mato Grosso.

O Paraguai sabia que o Brasil tinha grande peso, embora não tivesse um exército profissional, mas se quisesse um caminho para o Atlântico o caminho era o rio Paraguai, era preciso aliados, pois a Argentina ainda era uma ameaça, mesmo que silenciosa.

Mais ao sul no Uruguai duas correntes de forças se articulavam, os blancos e os colorados, aqueles, comerciantes ligados ao Paraguai, estes, latifundiários criadores de gado e contrabando. Doratioto afirma que se houvesse uma guerra, e se os paraguaios saíssem vitoriosos incorporariam mais territórios e ainda teriam um porto marítimo em Montevidéu, fruto da promessa da aliança com os blancos (op. cit., 2002, p. 475).

O conflito foi iniciado por Solano Lopes, do lado paraguaio, que invadiu o Mato Grosso em 1864. Seu desfecho envolveu tropas brasileiras, argentinas e uruguaias contra o Paraguai. Este foi um conflito complexo, envolveu toda uma correlação de forças na definição de fronteiras no Prata e na formação de Estados Nacionais modernos. O final da guerra para a região do SMT trouxe a reabertura da navegação do rio Paraguai, conseqüentemente do comércio.

Optei por essa versão mais revisionista, pois os trabalhos mais atuais apresentam mais fontes e metodologias mais rigorosas de pesquisa. Há outras correntes, como a positivista e nacionalista do início do século XX, bem como a de esquerda dos anos 1970, que insiste na Inglaterra como causadora da guerra, mas ambas não se configuram por falta de fontes.

No pós-guerra intensificaram-se as migrações e fixações de diversos grupos para o SMT destacando-se ex-combatentes paraguaios, que posteriormente vieram a ser trabalhadores na exploração da erva mate e em fazendas de gado. Do leste vieram os paulistas e mineiros, anteriormente ligados ao consumo de gado na Corte do Rio de Janeiro, estabeleceram-se na região atual de Santana do Paranaíba, fronteira com Minas Gerais, localidade também chamada Sertão dos Garcia.

De mais ao norte vieram os cuiabanos e do sul os rio-grandenses-do-sul e paranaenses. Este período é sempre bom recordar é o final do século XIX e início do XX, correspondendo também à queda da monarquia brasileira e ascensão da República, da passagem da mão de obra escrava para livre.

Estas migrações das regiões fronteiriças com o SMT tinham interesse em fixar moradia, buscando uma vida nova com propriedade da terra, uma economia de subsistência em geral baseada na pequena pecuária bovina, exploração de erva-mate e plantação de víveres, o que custou aos índios locais, quase extinção na luta pelos seus territórios contra estes migrantes.



ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

9º ENEPE UFGD • 6º EPEX UEMS

Da população mais ao norte, cuiabanos, que vinham criar muares, muitos eram foragidos e comerciantes estabelecendo suas fazendas na parte pantaneira. A fazenda era extensiva, periférica e de pouco lucro até o início do século XX, não garantiam o abastecimento interno, que ainda não era suprido nem pelas poucas lavouras e precisavam alternar-se com a uma produção indígena bem como por meio de comércio (CORRÊA, 1999, p. 93).

O final do século XIX também foi marcado pelo desenvolvimento da extração e exportação da erva mate no sul do SMT para várias partes do globo, inicialmente para Argentina, depois Europa. Thomaz Laranjeira conseguiu uma concessão para explorar os ervais em todo o extremo sul do SMT. Como se tratava de ervais extensos exigiu do poder público uma extensa faixa de terra com concessão com tempo longo (ARRUDA, 1997, p. 17).

Em 1892 Laranjeira associou-se ao poder público, Estado de Mato Grosso, bem como ao Banco Rio e Matto Grosso criando a Companhia Matte Laranjeira. O presidente do banco era Joaquim Murinho, irmão do presidente do Estado de Mato Grosso, Manoel Murinho.

A sede da empresa foi transferida para um porto criado à margem esquerda do rio Paraguai, chamado Porto Murinho, para exportar parte da erva, também exportada pelo Porto de Concepción, mais ao sul do rio Paraguai (CORRÊA FILHO, 1925, p. 27, 40).

Além de Thomaz Laranjeira, deve-se mencionar a existência de pequenos produtores que escoavam a produção para compradores no Paraguai bem como para a própria empresa. Era uma grande empresa que com o apoio do Estado na concessão de ervais e terra, facilidades fiscais, baixos impostos, obtinha lucros, e, se não fossem pequenos exploradores paralelos a esta economia seria quase que um “monopólio” (op. cit., 1925, p. 30).

Em geral a história regional é muito direta aos alunos de Mato Grosso do Sul, que em sua grande maioria têm famílias em várias partes do estado, alguns migrantes recentes, outros de longa data. Logo, nos debates, muitos se identificam com falas como “minha família é de Corumbá, Porto Murinho”, “já fui no rio Paraguai”, “conheço um pé de erva-mate”, “então aquele monumento em frene ao shopping de Campo Grande é de um índio guaikurú?”, orações sempre comuns ao longo das conversas.

Como mencionado na introdução, este histórico faz parte da primeira metodologia usada por mim em aulas de história regional entre 2005 e 2015, após expor cada tema em sala de aula, foram feitas leituras e debates acerca destes episódios.

Embora o currículo esteja dividido por etapas entre as três séries do Ensino Médio, a metodologia mais dinâmica ocorre na terceira série. Na primeira e segunda séries foram feitas abordagens mais gerais, sem muitos detalhes, apenas com apresentações em slides ou em lousa.

Todavia, com alunos de *terceiro ano*, terceira série, em fins do ano letivo, os temas agitam-se em diferentes problematizações. Em cada sala de aula são divididos grupos com as temáticas referidas, cada grupo com um líder responsável pela organização do material de pesquisa e divisão de partes.

A criatividade fica livre para tratar do conteúdo associado a músicas, poesias ou criação de vídeos.

Por exemplo, o tema dos índios no Sul de Mato Grosso com a canção *Quyquyho* com Tetê Espíndola, a região do Pantanal ambientada com *Comitiva Esperança* de Paulo Simões, debate sobre o rio Paraguai com *A fonte a ilusão* de Geraldo Espíndola, a Noroeste do Brasil com *Serpenteava o Trem* de Dagata e os Aluízios, entre outros. Da erva-mate, sempre são feitas oficinas de tereré e chimarrão, bebidas coletivas, em *roda*, feitas com a planta, da



ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

9º ENEPE UFGD • 6º EPEX UEMS

Guerra do Paraguai a confecção de mapas históricos são interessantes, pois ambas oficinas ampliam o aprendizado, já que os alunos manipulam o conhecimento.

Os alunos são avaliados pela apresentação de seminários, cujo material da produção dos mesmos baseia-se na apostila, no conhecimento disponível na biblioteca da escola ou na rede internet.

Esta metodologia é insuficiente, se os temas tivessem material próprio para essa etapa de ensino, a abordagem seria mais eficiente, mesmo porque a produção historiográfica no Mato Grosso do Sul tem sido sistemática onde há cursos de História e em pós-graduações na área.

Com o aparecimento Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid em 2009, na área de História, o encontro entre a Universidade, a produção acadêmica e a escola tem ficado mais intensa em forma de oficinas de história regional.

No caso em questão, só para citar mais um exemplo, foram feitas no ano corrente de 2014, por acadêmicos de História da UFGD na Escola Antonia da Silveira Capilé, onde trabalho, com o tema divisão de Mato Grosso e criação de Mato Grosso do Sul. Após ser definido o contexto do conteúdo problematizado com o hino de Mato Grosso do Sul, analisou-se a música e a letra, percebeu-se que mesmo o SMT histórico tendo “uma gente audaz”, este espaço é mais que “matas”, “campos” ou “Pantanal”, e, sua trajetória foi feita por lideranças como “Tenente Antônio João” ou os “Guaicurus”, mas, não apenas elas; acomodam-se aqui muitos outros anônimos, que, tal qual os alunos, foram e são agentes de seus próprios caminhos.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilson. **Frutos da Terra: os trabalhadores da Mate Laranjeira**. Londrina-PR: Ed. da Universidade Estadual de Londrina. 1997.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **À sombra dos herveas mattogrossenses**. São Paulo: Ed. S. Paulo, 1925.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: a guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. SP: Cortez, 2004.

BORGES, Fernando T. M. **Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870 a 1930)**. 2 ed. São Paulo: Scortecci, 2001.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **Historia e fronteira: o Sul de Mato Grosso, 1870-1920**. Campo Grande: Ed. UCDB, 1999.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.